

A EXPERIÊNCIA TRÁGICA DA LOUCURA EM MICHEL FOUCAULT

Lucíola Freitas de Macêdo

Michel Foucault articula a arte, a literatura e a filosofia ao campo da loucura e de sua expressão, ao mesmo tempo em que tece uma crítica aguda ao encobrimento e quase apagamento do trágico pela ciência e técnica modernas.

Identificamos no texto foucaulteano dois eixos a partir dos quais o problema da loucura enquanto experiência trágica se inscreve: enquanto **transgressão**, e enquanto **experiência de linguagem**.

Ao invés de endossar uma linguagem que torna razão e loucura excludentes entre si, ou que só se interessa pela loucura na medida em que se reduz a sua complexidade a fim de objetivá-la, Foucault utiliza criticamente um outro tipo de linguagem, que ele caracteriza como transgressiva. Ele a deduz dos criadores trágicos, de Nietzsche, e dos escritores que introduziram na França um tipo de pensamento herdado e fundado a partir da filosofia nietzscheana: Bataille e Blanchot.

Quando Foucault emprega o termo transgressão, ele se refere a uma experiência de pensamento, experiência-limite e de ultrapassagem de limite, realizada no campo da linguagem literária, que permite ir além da dialética, ultrapassando a oposição entre exterioridade e interioridade, sujeito e objeto, eu e mundo, normal e patológico.

A experiência de transgressão eleva-se, para Foucault, a uma categoria do pensamento: “ talvez um dia ela pareça tão decisiva para nossa cultura, tão oculta em seu solo quanto o fora

outrora, para o pensamento dialético, a experiência da contradição”¹. A contradição está para a dialética, assim como a experiência do limite está para a transgressão.

De acordo com Foucault, o limite e a transgressão devem um ao outro o seu ser. Entretanto o inesperado da relação entre eles, é que não funcionam como um simples par de oposições. A transgressão não estaria para o limite como o negro está para o branco, o proibido para o permitido, e o exterior para o interior.

A transgressão enquanto princípio, não opõe nada a nada, não procura abalar a solidez dos fundamentos. Ela não é violência em um mundo partilhado, nem triunfa sobre os limites que apaga. Nada é negativo na transgressão. Ela afirma o ser limitado, ao mesmo tempo em que nada é positivo nessa afirmação, uma vez que nenhum conteúdo pode prende-la, e nenhum limite, retê-la.

A transgressão se apresenta na literatura moderna como um modo de franquear as fronteiras entre razão e loucura, se estabelecendo a partir de uma crítica em ato à linguagem enquanto veículo da verdade e do sentido. Ao invés do caráter inquestionável da verdade, e da unidade do sentido, a linguagem serve, ao mesmo tempo em que permite e promove, a uma experiência trágica do mundo e do homem.

Quando retomamos o trágico enquanto experiência, estamos apontando para a importância que a noção de excesso, de desmedida, de algo equivalente ao que deverá ter sido a *hybris* para os gregos, ocupa no comentário foucaulteano.

Ao resgatarmos o trágico, estamos nos referindo mais ao que nele se inscreve do campo do excesso e da paixão, que da moral. Sugerimos também, e de modo diferente de alguns estudiosos que opõem o momento trágico ao momento transgressivo em Foucault, como se um

¹ FOUCAULT, Michel. *Prefácio à transgressão. Coleção Ditos e Escritos III*; organização: Manoel de Barros; Tradução: Inês Autran Dourado Bardosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p.32.

ultrapassasse e inviabilizasse o outro, que a experiência de transgressão funciona como uma atualização da experiência trágica.

Ainda que o trágico, a loucura e a transgressão caminhem juntos desde tempos imemoriais, na antiguidade, através das tragédias gregas, o transgressivo e o excessivo, pareciam se inscrever ao nível do ser, enquanto que na contemporaneidade, se inscrevem ao nível da linguagem.

A articulação entre loucura e literatura só se faz possível, porque a loucura tal como Foucault a entende, é concebida como uma experiência de linguagem. Linguagem que comporta uma particularidade, uma vez que em seu espaço, encadeiam-se a ordem das razões, àquela dos prazeres e dos gozos.

Linguagem que mantém em si a tensão de universos heterogêneos e irreduzíveis, e que só se torna acessível ao filósofo a partir de uma derrocada da subjetividade filosófica, considerada por Foucault como uma das estruturas fundamentais do pensamento contemporâneo. O que se abre fundamentalmente, a partir desta experiência, é “a possibilidade do filósofo louco”², encontrado não no exterior de sua linguagem, por um acidente vindo de fora, ou por um exercício imaginário, mas na linguagem mesma, no núcleo de suas possibilidades.

Partindo do princípio que faz parte da cultura instituir limites, e que excluir e proibir são algumas de suas manifestações, Foucault encontra na experiência literária uma possibilidade de ultrapassagem e flexibilização dos limites edificados pela cultura. Loucura e literatura se articulam, portanto, como manifestações deste jogo do limite e da transgressão, e como formas de linguagem.

De acordo com Roberto Machado, ao mesmo tempo em que a loucura é objeto de exclusão social e objetivação teórica, ela pôde se expressar em sua própria linguagem através da

² Ibidem, p.40.

obra de criadores trágicos como Nietzsche, Van Gogh, Nerval, Hölderlin e Artaud, para quem a verdadeira experiência artística ou literária passaria por um certo enlouquecimento, pelo risco da loucura.

Estes criadores, que dão voz, forma e cor à loucura, colocam em questão a rotulação feita pelo saber racional da loucura como desqualificação. Considerar a loucura enquanto uma experiência de linguagem e de transgressão, e também como experiência trágica, se constitui numa alternativa para a definição médica da loucura enquanto doença.

De acordo com Foucault, somente com Freud e com a psicanálise a experiência da loucura deixa de ser falta de linguagem, blasfêmia proferida e significação intolerável: “deve-se, portanto, tomar a obra de Freud por aquilo que ela é... ela desloca a experiência européia da loucura para situá-la nessa região perigosa e sempre transgressiva... que é a das linguagens implicando-se nelas próprias”³.

O que Freud realizou de absolutamente novo foi conceber e demonstrar através de sua obra que a loucura é uma “prodigiosa *reserva* de sentido”⁴; ao mesmo tempo em que retém, suspende o sentido: “a loucura abre uma reserva lacunar que designa e faz ver esse oco no qual língua e palavra implicam-se, formam-se uma a partir da outra e não dizem outra coisa senão de sua relação muda”⁵.

Foucault também elucida uma estranha vizinhança entre loucura e literatura, na medida em que ambas designariam a forma vazia de onde a obra vem, e o lugar onde ela não cessa de estar ausente.

³ FOUCAULT, Michel. *A loucura, a Ausência da Obra. Coleção Ditos e Escritos I*; organização: Manoel de Barros; Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, p.195.

⁴ Ibidem, p.196.

⁵ Ibidem, p.196.

Elas se articulam porque em ambas o que está em jogo é uma espécie de auto-implicação, que tem a ver com o duplo e o vazio que aí se escava: “nesse sentido , o ser da literatura, tal como ele se produz depois de Mallarmé chegando até nós, ganha a região na qual se faz a partir de Freud, a experiência da loucura”⁶.

Deste modo, Foucault engendra um lugar mais digno e mesmo mais interessante que o da patologia para a loucura. Longe da medicina, perto do lirismo e da linguagem literária, o ser de quase loucura do artista louco, ou do louco artista, não é um ser doente.

Poderíamos afirmar até mesmo que a obra pode funcionar como um exercício, e mesmo um mecanismo capaz de circunscrever, de dar um destino a *hybris* trágica da loucura, diferente do surto ou da degeneração. A linguagem estaria, melhor dizendo, entre a loucura e a obra.

É portanto, a concepção foucaulteana da loucura como linguagem que transgride as leis da razão, que subverte a concepção de obra como obra da razão, que aproxima de uma vez por todas loucura, literatura e obra. A obra tecida com os fios da loucura seria a obra realizada a partir de uma negatividade, de uma falta, do próprio vazio, parêntese, abismo, buraco sem fundo de uma ausência fundamental de linguagem.

É disso que Foucault fala quando designa, a propósito de Artaud, a obra como o escarpamento sobre o abismo da ausência de obra. A obra em questão se deduz a partir de um desmoronamento da linguagem. Ela se constitui neste e deste esforço desesperado de não ser tragado por esse vazio, da afirmação deste movimento que nasce de uma impossibilidade.

Apesar de criar um espaço de relação entre loucura e literatura, Foucault não as confunde. Enquanto a loucura se constitui a partir de um total desmoronamento da linguagem, a literatura seria uma tentativa de construção desse desmoronamento. O artista da palavra, daria conta de

⁶ Ibidem, p.197.

fazer algo com isso, enquanto que o não-artista, o simplesmente louco seria tragado pela avalanche da falência da linguagem e da ordem simbólica.

Em *A linguagem ao infinito*, texto de 1963, ao lado de trabalhos posteriores, como por exemplo, em *Linguagem e literatura*, de 1964 e *As palavras e as coisas*, de 1966, Foucault tentará construir uma “ontologia formal da literatura” cuja finalidade será investigar o “ser da linguagem” literária, definido a partir do modo como o homem estabelece sua relação com a morte, uma vez que esta designaria, em última instância, o vazio a partir do qual e contra o qual se fala.

Os dois grandes períodos através dos quais Foucault classifica a linguagem na história da humanidade expressam duas maneiras de lidar com a morte. O primeiro período vai do aparecimento dos deuses homéricos até o seu afastamento, com Hölderlin. A linguagem servia como proteção do perigo da morte pela promessa de imortalidade. O espaço da linguagem era definido, nesse momento, pela retórica, e seu paradigma se encontrava fora dos livros, no Livro Eterno, através da palavra de Deus: “...toda linguagem humana, quando queria ser uma obra, devia simplesmente retraduzí-la, retranscrevê-la, repeti-la, restituí-la”⁷. O que se produz nesse período é chamado por Foucault de obra de linguagem, que é algo distinto do que ele entende por literatura.

A literatura, por sua vez, surge no momento em que essa linguagem milenar se cala, ao menos parcialmente, para o mundo ocidental. Ele situa este momento a partir do século XIX, “quando aparece uma linguagem que retoma e consome em sua fulguração outra linguagem

⁷ FOUCAULT, M. *Linguagem e literatura*. In: *Foucault, a filosofia e a literatura*; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p.153.

diferente, fazendo nascer uma figura obscura mas dominadora na qual atuam a morte, o espelho e o duplo, o ondeado ao infinito das palavras”⁸.

Ao invés da palavra primeira, volta-se a atenção para o infinito do murmúrio. A retórica, que repetia para criaturas finitas a palavra do Infinito, dá lugar à repetição, e seu espaço é substituído pelo volume do livro e pela Biblioteca, espaço de sustentação das linguagens fragmentárias.

O segundo período advém a partir da morte dos deuses. Não podendo mais repetir a palavra infinita, a literatura repete a si mesma, ela, “...que não deve ser compreendida nem como a linguagem do homem nem como a palavra de Deus, nem como a linguagem da natureza, nem como a linguagem do coração ou do silêncio – é uma linguagem transgressiva, mortal, repetitiva, reduplicada: a linguagem do próprio livro”⁹.

A repetição, é para Foucault, uma propriedade fundamental da linguagem literária, tal qual uma balança através da qual vida e morte se remetem uma à outra e se colocam em questão, como um desdobramento em que cada palavra é animada e arruinada, preenchida e esvaziada pela possibilidade de que haja uma outra. Para ele, a literatura dá seus primeiros passos através da *Odisséia*, com Homero, por ser esta uma obra em que a repetição aparece como um elemento central.

Já em *Linguagem e literatura*, ele diferencia o estatuto da repetição que se faz notar da antiguidade até o classicismo, daquele que se anuncia na modernidade, através de uma comparação entre a estrutura da repetição na *Odisséia*, e na escrita de James Joyce.

⁸ FOUCAULT, M. *A linguagem ao infinito. Coleção Ditos e Escritos III*; organização: Manoel de Barros; Tradução: Inês Autran Dourado Bardosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 57.

⁹ Ibidem., p. 154.

Em Homero, a repetição diz respeito ao conteúdo do livro, ao passo que em Joyce, quando ele repete a *Odisséia*, é a própria linguagem que se repete, se desdobra e se reduplica, fazendo-se espelho de si própria.

Podemos estabelecer também, uma aproximação entre literatura e loucura, através do que poderíamos chamar de uma estética da linguagem em Foucault. Nela, o problema da realidade não está posto. Neste momento de sua trajetória, Foucault nega a realidade, afirmando a soberania da linguagem sobre ela. A linguagem literária seria auto-referente e não expressaria nenhuma realidade preexistente, porque apenas ela formaria o sistema da existência. Não remeteria a um sujeito ou a um objeto, elidindo a ambos, substituindo o homem, criado pela filosofia, por um espaço fundamentalmente vazio, através do qual se propaga, se repetindo, e se reduplicando indefinidamente.

Quando Foucault designa a literatura moderna como auto-referente, isso não quer dizer que ela tenha se interiorizado ao extremo; ao contrário, trata-se aí, paradoxalmente, de uma passagem para fora: “a linguagem escapa ao modo de ser do discurso... à dinastia da representação... o ‘sujeito’ da literatura... não seria tanto a linguagem em sua positividade, quanto o vazio em que ela encontra seu espaço quando se enuncia na nudez do “eu falo”¹⁰.

No espaço da ficção, e também no da loucura, o “eu falo” não obedece nem funciona em sincronia com o “eu penso”, como já acontecera um dia na filosofia quando se tratava de pensar a verdade. Enquanto o “eu penso” conduz à certeza indubitável do eu e de sua existência, o “eu falo”, recua, dispersa, apaga essa existência e dela só deixa aparecer o lugar vazio. Se o pensamento do pensamento conduz a mais pura interioridade, a fala da fala leva a esse exterior onde desaparece o sujeito que fala.

¹⁰ FOUCAULT, MICHEL. *O pensamento do exterior. Coleção Ditos e Escritos III*; organização: Manoel de Barros; Tradução: Inês Autran Dourado Bardosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p.221.

O fictício para Foucault, a partir de Blanchot, forma “um discurso que aparece sem conclusão e sem imagem, sem verdade e sem teatro, sem prova, sem máscara, sem afirmação, livre de qualquer centro, apátrida”¹¹. No espaço da ficção, se escuta não tanto o que se pronuncia nele, mas o vazio que circula entre as palavras, o murmúrio que não cessa de desfaze-lo.

Pensar a literatura como experiência anônima e autônoma da linguagem, e enquanto tal, como uma experiência trágica, significa, portanto, ultrapassar as oposições entre interioridade e exterioridade, entre sujeito e objeto, pela própria obra enquanto experiência. Esta ultrapassagem, e mesmo, esta derrocada de limites e de fronteiras, acontece também na loucura, com a diferença de que na loucura, isto acontece de uma maneira totalmente desorganizada, insustentável, e na maioria dos casos, sem retorno e sem produto. Com isto queremos dizer que o parentesco entre a loucura e o gênio, parece bem mais raro que aquele entre a loucura e o desastre da palavra.

¹¹ Ibidem, p. 226.